



Tempo Comum, de Susana Nobre

## Seis documentários portugueses em sala

Visões do real, diversidade e qualidade num raro número de estreias – por M. Halpern

PÁGINAS 22 A 24

JORNAL  
DE LETRAS,  
ARTES E  
IDEIAS

# JL

**Fernando Guimarães**

**Poesia Toda – e também ficção**

Entrevista, críticas de A. C. Cortez e Miguel Real

PÁGINAS 17 A 19

**Paula Rego**

**O grito da inspiração**

Texto de Ana Gabriela Macedo PÁGINAS 25 E 26

Ano XXXIX • Número 1282 • De 20 de novembro a 3 de dezembro de 2019  
• Portugal (Cont.) €3,20 • Quinzenário • Diretor José Carlos de Vasconcelos

# ÁLVARO SIZA

## A 'LUZ' DO ARQUITETO

Começam hoje, 20, em Serralves, onde tem uma grande retrospectiva, as Álvaro Siza Talks. No nosso Tema, Nuno Grande fala da exposição e da obra, António Choupina escreve sobre o pavilhão em Xangai, Carlos C. Morais sobre o seu percurso de vida, e os arquitetos A. Alves Costa, Gonçalo Byrne, J. A. Bandeirinha, J. M. Pedreirinho e M. Aires Mateus sobre os projetos preferidos. Poemas de Nuno Júdice e J. C. Vasconcelos, a crónica de V. H. Mãe. Desenho e textos inéditos de Siza



## › ÁLVARO SIZA ‹

As Álvaro Siza Talks arrancam hoje, 20, em Serralves, em cujo Museu está patente, até 2 de fevereiro de 2020, uma grande retrospectiva sua, *in/disciplina*. Entrevistamos, sobre a retrospectiva, um dos seus dois curadores; publicamos um texto sobre o pavilhão que teve, em agosto, num certame internacional em Xangai; o especialista que lhe editou os textos e prepara a biografia escreve sobre o seu percurso; pedimos a cinco prestigiados arquitetos que falassem do colega escolhendo uma obra por qualquer razão da sua preferência; sobre ele publicamos ainda a crónica de VHM e poemas inéditos – além de um desenho e textos também inéditos do notável arquiteto, vencedor dos principais prémios mundiais, como o Pritzker e o Mies van der Rohe, e que só no último mês foi distinguido mais com o Prémio Nacional de Arquitetura Espanhol e o Grande Prémio de Arquitetura da Academia de Belas-Artes Francesa



LUCIA MONTEIRO

# Pessoal e universal

MARIA LEONOR NUNES

# T

Três dezenas de projetos, construídos ou não, configuram o universo de Álvaro Siza: *in/disciplina*, patente no Museu de Serralves, Porto, até 2 de fevereiro. São seis décadas de arquitetura, das primordiais casas em Matosinhos, cidade onde nasceu em 1933, até ao arranha-céus, ainda em construção, no bairro Hell's Kitchen, em Manhattan, Nova Iorque. "Um gentleman europeu finalmente a construir na América", como diz ao JL Nuno Grande, que, com Carlos Muro, comissariou a exposição. Os

dois arquitetos procuraram dar a ver como "desde o primeiro esboço ao desenho técnico, Siza, 86 anos, está sempre a desenhar em cima do que já fez", num "vaivém constante" entre pensamento e vida, lugar, História e cultura. Um "mestre do tom na arquitetura", como escreve Carlos Muro, no catálogo da exposição, um "sábio", como afirma ainda, "um dos últimos exemplares de uma espécie em perigo de extinção: o arquiteto especializado em arquitetura". Um "criador", segundo Nuno Grande, senhor de uma "insatisfação constante", consagrado e já reconhecido com todos os grandes prémios, o Mies van der Rohe, em 1988, o Pritzker, em 1992, entre outros, com obras em todos os continentes, o "mais jovem arquiteto da contemporaneidade portuguesa".

**Jornal de Letras: A 'indisciplina' é uma marca da arquitetura de Álvaro Siza?**

**Nuno Grande:** É uma confissão do próprio Siza num dos seus cadernos

de esboços. São cadernos escolares, de capa preta, que normalmente adquire nas livrarias, daqueles que têm na primeira página "Nome" e "Disciplina" – e ele aproveitava essas linhas para fazer umas brincadeiras...

**Com a ideia de disciplina?**

Por exemplo, escreve "Nome: Álvaro Siza; Disciplina: tão pouca quanto possível". Outras vezes, "Indisciplina". Quando eu e o Carlos Muro começámos a ter contacto com esses cadernos pouco conhecidos, até agora guardados no Centro Canadano de Arquitetura, em Montreal, percebemos que eles traduzem uma forma muito peculiar de estar na disciplina da arquitetura.

**Porquê?**

Há um vaivém constante entre o pensar da arquitetura, a vida, os problemas do quotidiano.

**Tudo isso se mistura nesses cadernos?**

Sim, com apontamentos de reuniões, números de telefone de amigos, ob-



“  
**É um intelectual, um criador sempre insatisfeito consigo e com o resultado a que chega. Nesse sentido, é o mais jovem arquiteto da contemporaneidade portuguesa**  
Nuno Grande

servações sobre como estão a correr as obras, desenhos do que está a ver no café. São esses múltiplos registos que mostram que Siza chega ao final de uma obra passando por situações de criação, de humor, de relação com a vida, muito diferenciadas e indisciplinadas. É também interessante vermos que nesses cadernos há vários projetos a correr ao mesmo tempo, para os quais pensa diferentes pormenores que, muitas vezes, se misturam e até passam de uns para os outros. Mais uma vez, um vaivém, conceptual. Ele está sempre a experimentar, até chegar a um resultado de uma grande coerência.

**SEM RECEITA**

**Nesse processo de criação radica a própria identidade da sua arquitetura?**

É uma arquitetura muito própria, marcada pela sua biografia, e vamos sempre encontrando surpresas em cada obra, o que demonstra que nunca está satisfeito. Siza nunca se acomodou a uma ideia de estilo, de receita arqui-

tetónica. É isso que a exposição tenta dar a ver: desde do primeiro esboço ao desenho técnico, ele está sempre a desenhar em cima do que já fez.

### Como os escritores fazem a revisão dos livros até à última prova?

Exato. Mesmo nos desenhos finais, rigorosos, prontos para ir para a obra, ele desenha à mão por cima, fazendo emendas. Corrige até já em obra.

### Como?

Olha e diz que qualquer coisa não está bem e ali mesmo, numa parede, em cima de uma tábua ou de um guardanapo, desenha o que acha que ficaria melhor. Siza é um intelectual, um criador de arquitetura, continuamente insatisfeito consigo próprio e com o resultado a que chega. Nesse sentido, é o mais jovem arquiteto da contemporaneidade portuguesa.

### Pela inquietude?

Tem essa disponibilidade juvenil de estar sempre à procura de qualquer coisa nova. É uma inquietude que o estimula.

### Quase um contraponto à sua imagem ponderada, calmíssima.

É verdade. Há quase uma contradição entre a sua figura pausada, que pensa a fumar e essa inquietação, saudável, que não o deixa parar de pensar nas suas obras. Aliás, em viagem, no café, em qualquer momento, está sempre a desenhar, num bloco, num caderno. Por outro lado, vai aprendendo com a insatisfação, que muitas vezes abre portas para os projetos futuros. Essa forma de pensar sempre a obra seguinte é também um processo autobiográfico.

### Diz-se que não se separa nunca das obras, que mesmo depois de construídas continua a visitá-las, a ver se não lhe 'mudaram' nada, no exterior ou no interior...

Sim, sim. É a ideia que o arquiteto tem uma palavra a dizer em tudo, que a obra não está completa sem desenhar o mobiliário, as luminárias ou os azulejos da fachada. Mas não o faz de uma forma ditatorial, antes pedagógica. É uma tentativa de mostrar que há uma coerência entre o edifício e a forma de o habitar. Ele vai realmente acompanhando a vida das suas obras, por vezes queixa-se de que a manutenção não é feita. Mas hoje não tanto como antes.

### Em que sentido?

É hoje consensual a importância que ele tem na cultura portuguesa, as instituições e clientes têm orgulho nas obras projetadas por ele e assumem uma certa missão de as manter em bom estado de conservação. Mas até determinada altura, Siza era desconhecido da maioria das pessoas e foi mesmo ostracizado. Foi a sua descoberta internacional que fez com que o descobrissemos.

### ANTROPOFAGIA CULTURAL In/disciplina também quis revelar um lado mais pessoal?

Quis dar a conhecê-lo, sem ser

voyeurista. Os cadernos revelados são essencialmente de trabalho, mas também há apontamentos pessoais, desenhos de amigos e até de animais. Ele desenha muitos cavalos e gatos. Por exemplo, os que encontrou na rua em Veneza.

### Algum caderno o surpreendeu especialmente?

Destacaria o de Machu Picchu, no Peru, que tem dos mais belos desenhos que já vi daquelas plataformas, em soccalcos, das pedras, feitos de uma forma

livre, apenas com uma vulgar caneta Bic. É a descoberta de uma tradição milenar de construção. E Siza está sempre a aprender com a História, com o Outro, mesmo que de uma cultura e de uma geografia muito distante da nossa. Acaba por aproveitar a viagem conceptual e física para desenvolver a sua obra. Tem a particularidade de se saber colocar na pele do Outro.

### De que forma isso se traduz na sua arquitetura?

Siza tem uma antropofagia cultural,

no sentido de que falava Oswald de Andrade, de comer a cultura do outro para a regurgitar como cultura pessoal. Ou seja, quando Siza faz uma obra no Brasil, é brasileira, porque aprende com os arquitetos brasileiros. Quando vai à Holanda, aprende com os construtores holandeses e em, Berlim, com o expressionismo alemão. Está sempre a absorver e a devolver, sob a forma de uma obra que identificamos como pessoal. Mas o curioso é que é sempre dele e do lugar, local e universal.



Em Nova Iorque Imagem do seu Arranha-céus, em construção no cruzamento das avenidas 611 West e 56 St.

## In/disciplina e colóquios

■ No âmbito da programação paralela à exposição *In/disciplina*, que assinala os 20 anos do Museu de Serralves, projetado pelo próprio Siza, realizam-se as *Álvaro Siza Talks 2019*. É a 2ª edição destes encontros, que começam hoje, quarta-feira, 20, e prosseguem a 21, 22 e 26. Pela Biblioteca de Serralves irão passar Anne Lacaton, conferência de abertura, Iñaki Ábalos e Renata Sentkiewicz, Manuel Aires Mateus, Paulo David, Mark Lee e Marina Tabassum, e Jacques Herzog, no encerramento.

A 7 de dezembro terá ainda lugar o colóquio *A Europa em Álvaro Siza — Cidade, Democracia e Arquitetura*, no Auditório de Serralves, numa co-organização com o Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra. Participam Alexandre Alves Costa, Carlos Eduardo Comas, Eduardo Souto de Moura e Wilfried Wang. E haverá uma mesa-redonda com Tiago Borges, Cristina Castelo Branco, Miguel Eufrásia, Nelson Mota, Carles Muro, Bruno Silvestre, Eliana Sousa Santos, Stefano Tornieri e Carlotta Torricelli, coordenada por Jorge Figueira, Bruno Gil e Nuno Grande.

Em *Álvaro Siza: In/disciplina*, estão expostos projetos, maquetes, desenhos de obras, de 1954 até hoje. Entre elas, habitações na Avenida D. Afonso Henriques, em Matosinhos, e a Piscina de Marés, em Leça da Palmeira, dos anos iniciais, a Agência Bancária em Oliveira de Azeméis, a Casa Beires, na Póvoa de Varzim, e a Casa António Carlos Siza, em Santo Tirso, de um período posterior. Depois

do 25 de Abril, sublinha-se o envolvimento de Siza no processo SAAL — Serviço de Apoio Ambulatório Local, nas 'ilhas' do Porto, em São Victor e Bouça, uma experiência decisiva para o desenvolvimento da sua obra, nos anos 80, a nível internacional, em Haia e Berlim. Destacam-se na exposição a sua proposta para o concurso do Kulturforum de Berlim e o projeto do *Bonjour Tristesse*, em Kreuzberg. Também a Agência Bancária de Vila do Conde (em frente ao Mercado), que lhe valeu o primeiro Prémio Europeu de Arquitetura Contemporânea — o Mies van der Rohe, em 1988, e um maior reconhecimento em Portugal.

A reconstrução do Chiado, depois do incêndio, a Escola Superior de Educação de Setúbal, o Centro Galego de Arte Contemporânea, em Santiago de Compostela, o Museu de Serralves, a Faculdade de Arquitetura do Porto, a Igreja de Santa Maria, em Marco de Canaveses, o Pavilhão de Portugal na Expo 98, são outros projetos a destacar, tal como a Fundação Iberê Camargo, em Porto Alegre, Brasil, o Mimesis Museum, em Paju Book City, Coreia do Sul, e o China Design Museum, em Hangzhou.

A universalidade da obra é igualmente aferida na exposição pelos 26 vídeos-testemunho de arquitetos, jornalistas, críticos e historiadores dos quatro cantos do mundo. E o mundo de Siza é revelado através de um conjunto de cadernos, desenhos, livros, revistas, canções, imagens que remetem para as suas 'afinidades eletivas'. A começar, desde logo, pelos seus professores na Faculdade de Arquitetura do Porto, onde se licenciou, Carlos Ramos e Fernando Távora, com quem trabalhou, e por referências fulcrais da sua obra, como Alvar Aalto, Frank Lloyd Wright e Le Corbusier. ■

## DE BERLIM A NOVA IORQUE

**Na exposição é possível ver os seus projetos, dos iniciais aos mais recentes. O que decidiu a escolha?**  
São projetos que estão em arquivos em vários locais do mundo, partilhados e institucionais. Tivemos o cuidado de escolher desenhos que mostrem todo o processo, do primeiro esboço à obra, desenhos em que já existe a forma, mas onde se cruzam ainda muitas dúvidas e perguntas. Todos os desenhos da exposição têm a ver com essa certeza e incerteza.

### E seguem um fio cronológico?

Desde as primeiras quatro casas que fez em Matosinhos, até à torre que se está a construir em Nova Iorque, passando pelas cidades que foram laboratórios para ele.

### Quais?

Berlim, Lisboa com o Chiado e com o Pavilhão de Portugal, o Porto



**Vamos sempre encontrando surpresas, nunca se acomodou a uma ideia de estilo, de receita arquitetónica. Mesmo nos desenhos finais, rigorosos, prontos, desenha à mão por cima, fazendo emendas. Corrige até já em obra**

com o processo SAAL e o período em que fez habitação social, fundamental para a sua obra e para a dar a conhecer internacionalmente.

### Nos últimos anos, foi a 'conquista do Oriente'.

Exatamente, obras na China e na Coreia. Também no Brasil. E, finalmente, a conquista dos Estados Unidos, o que lhe faltava. Vai agora ter a sua torre em Nova Iorque, depois de outros Pritzker. E ao contrário de todas as outras, é uma torre muito simples, escoreita, urbana, sem espetáculo. Mais uma vez, vai dar-nos uma lição.

### Que lição?

Que não é preciso pôr um edifício a gritar para ser nova-iorquino. Por isso chamei ao meu texto do catálogo *First we take Berlin, then we take Manhattan*, uma inversão da canção do Leonard Cohen. Porque o percurso do Siza é realmente ao contrário. Começa por conquistar a Europa, e por Berlim, a capital mítica dos arquitetos nos anos 80, e só nesta fase está a construir no outro lado do Atlântico, onde os grandes arquitetos do séc. XX sempre quiseram construir. É agora um *gentleman* europeu a construir em Nova Iorque. E à europeia.

## UM EUROPEÍSTA DA ARQUITETURA

Há também muitas fotografias na exposição.

Sim, numa secção evidenciamos alguns dos fotógrafos que mais deram a conhecer a sua obra, porque publicaram nas revistas certas, no momento certo. São belíssimas fotografias, porque a própria obra é muito fotogénica e eles souberam captar o seu lado poético, bucólico, contextual. E todos esses fotógrafos ficaram seus amigos, porque é impossível não se tornar amigo de Álvaro Siza depois de o fotografar.

### Haverá igualmente um colóquio, "A Europa em Álvaro Siza". Que pretende refletir?

É um colóquio organizado com o CES da Universidade de Coimbra, para pensar o lado político de Siza. Ele é um arquiteto político no sentido da *polis*, não do partidário, da política comum. É um homem que pensa a cidade, a democracia urbana, a cidadania.

### A partir da sua arquitetura?

Em quase todas as suas obras há um lado público. Mesmo as suas casas, quando afastadas da rua, são manifestos sobre o público e o privado. E tem um pensamento muito interessante sobre essa relação. Também sobre o modo como a arquitetura deve servir como espaço de congregação e cruzamento de várias culturas, sem criar à partida uma discriminação negativa ou positiva em relação ao espaço. Ele defende que a arquitetura deve oferecer a possibilidade de serem as pessoas a apropriar-se do espaço em função da sua biografia. Isso é uma lição de arquitetura e de política absolutamente notável.

### É também um arquiteto europeu que acredita na Europa?

É um dos últimos grandes europeístas na arquitetura. Continua a acreditar na Europa como um lugar de fundação da democracia, com todas as suas contradições. Tudo isto está nos seus cadernos, no seu pensamento, na sua obra. Daí o colóquio de dezembro. E, haverá também as *Siza Talks*, que Serralves realiza pela segunda vez. Vão estar presentes pessoas de várias nacionalidades, nomeadamente um outro Pritzker, Jacques Herzog, um arquiteto suíço também, com uma relação forte com as questões europeias da densidade urbana e da cidadania.

### Num texto do catálogo, Siza escreve que queria ser jogador de hóquei, que a dada altura teve que abandonar, mas depois percebeu que era possível fazer um jogo de hóquei na arquitetura...

E a verdade é que também existem dificuldades e há que manipular a bola e o stick de forma certa... Nesse texto, ele compara o Siza de 16 anos e o de 86 e lembra a sua juventude para dizer que, na vida, afinal tudo é indisciplina, feita com regras. Para ser um grande jogador de hóquei é preciso por vezes fugir um pouco das convenções. Como para ser um grande arquiteto... **JA**

# Siza e o gato chinês

Entre as inúmeras constantes ‘provas’ da cada vez maior dimensão universal da obra do grande arquiteto português está a de ter sido convidado a ter um pavilhão próprio na recente International Furniture Fair, na China, em Xangai, com cerca de 1500 expositores, e com um Fórum Internacional dedicado ao tema “Desenhado por Humanos: Do Modernismo de Álvaro Siza ao Futuro Digital”. Consultor daquele pavilhão, e presente em Xangai, esteve o autor deste texto, arquiteto, especialista da obra de Siza, de quem é muito próximo, e que tem sido curador ou colaborador de exposições suas em várias partes do mundo

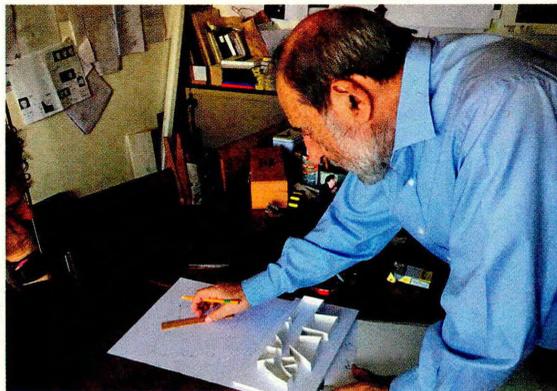
## ANTÓNIO CHOUPINA

«Muito tenho escrito – e muito se tem escrito – sobre o mestre Álvaro Siza (AS). Não apenas porque o mereço, enquanto expressão máxima da humanidade na linguagem arquitetónica, mas porque com ele viajar, colaborar ou conversar, tem sido um dos absolutos privilégios da minha existência. É a alma da nossa época, como o foram Camões ou Pessoa, com um pé assente em terras lusas e outro no mundo inteiro, ao qual pertence.

No recente colóquio internacional de Xangai, mais de 1500 profissionais debateram o tema: *Do Modernismo de Álvaro Siza ao Futuro Digital*. Partilhei o que aprendi da sua devoção profissional e do seu comprometimento pessoal com a sociedade, que nos oferece dignidade e não apenas construção. Afinal “todos entendem e merecem qualidade”, segundo Siza, pois acredita verdadeiramente que um bom desenho pode transformar a realidade, pessoa a pessoa, lugar a lugar.

O processo siziano é simultaneamente local e universal, evocando no SAAL tanto da vernacularidade das “ilhas” como do optimismo pós-revolucionário. Em Berlim, reinventou a fragmentação do pós-guerra enquanto democrática diluição de fronteiras, e em Haia, integrou a população migrante no tecido de tijolos berlagianos. As memórias da expansão urbana de Macau, nos anos 80, junta agora numerosos projetos na China, com Carlos Castanheira, do futuro Museu Haishang – e seus monumentais cem mil metros quadrados – ao bauhausiano Museu do Design Chinês.

É em Hangzhou que AS recorda o centenário da (in)disciplinada escola alemã cujo legado artístico tanto influenciou a “Escola do Porto”. Uma escola dentro de outra escola, ambas traduzidas num museu que se expõe a si mesmo em forma de maquete, contemplada então pelo neto do arquiteto que, por sua vez, também estuda arquitetura. Nesta espécie de *Inception*, ao estilo do filme *A Origem*, Henrique Siza e eu regressamos a Xangai – acompa-



Siza desenhando o teto do Pavilhão e António Choupina na mostra de mobiliário em Xangai

nhados por Lu Wenyu, esposa de Wang Shu (Prémio Pritzker 2012).

Inauguramos assim o Pavilhão Siza, na Feira Internacional de Mobiliário da China. A semelhança do seu autor, é tão humilde quanto potente. A arquitetura entendida como paisagem coreografada para a passagem de muitos.

Talvez por isso o seu destino seja tornar-se permanente, frente à única obra que se vislumbra da lua: a Muralha da China. Seria certamente um final feliz para o Festival da Lua que sob ela dormisse o “pavilhão-gato” de Álvaro Siza – também ele de agilidade felina, como dizia Armanda Passos a Carlos Morais.

O Espaço daria lugar a um espaço, a Muralha a um muro, guardião esfingico do contínuo da História. Menciono o carácter biomórfico do

que diariamente habita o gabinete de Siza – patas e cauda esticadas ao sol, como “O Gato” de Giacometti ou tantas outras esculturas que coleciona na intimidade do seu lar. Arte e arquitetura parecem contrariar quaisquer conceitos de entropia, dos corpos de Picasso à Ferradura de Bruno Taut, local onde o primeiro esquisso se faz carne. Desta génese inesperadamente eloquente, as curvas de Taut nutrem lentamente as sombras incertas da criação.

Do núcleo compacto do pavilhão libertam-se inúmeros membros, esculpindo pátios em negativo, reminiscências das colagens de Matisse. AS pratica os seus próprios recortes com folhas de alumínio, materialidade latente no seu imaginário desde a construção do Museu Iberê Camargo, no Brasil. O brilho argenteo da película que recobre a lâ de rocha tornou-se a pele do Pavilhão Siza, refletindo cores, movimentos e silhuetas metafísicas.

Um pavilhão temporário é uma oportunidade para experimentação, mesmo quando a sua efemeridade se vê desafiada, como foi o caso da cortiça no Pavilhão de Portugal para Hanôver. Em Xangai, o monólito prateado rompe a sua geometria em sete esquinas que enfatizam a convergência oblíqua das perspetivas – sete portas como nas cidades medievais; sete sendo o número da plenitude.

A companhia de mobiliário Camerich, em parceria com a Aedes Berlim, não poderia ter realizado melhor escolha do que AS. Foi um espaço animado por milhares de amigos, colaboradores, entusiastas, diplomatas, etc.

Entre eles destacava-se a exposição de dezenas de peças desenhadas por Siza, incluindo as novas Cadeiras Baiana. A Baía, parte mais antiga das Américas Portuguesas, inspirando os levíssimos assentos em palhinha.

No fim, há a sensação de uma experiência totalizante, de um regresso inevitável à essência das coisas, de uma modernidade que não é paradigmática mas um estado de espírito, que nos permite – conforme Álvaro Siza – ser mais nós mesmos: arquiteto ou escultor, designer ou poeta e todos os demais talentos que lhe assistem. **JA**

“  
Há a sensação de uma experiência totalizante, de um regresso à essência das coisas, de uma modernidade que não é paradigmática mas um estado de espírito, que nos permite ser mais nós mesmos

pavilhão não para fins metafóricas, ou por retórica venturiana, mas por afinidade planimétrica com o gato

# Com os olhos em Álvaro, num relance

Estudioso apaixonado da obra de Siza, organizou e prefaciou os três volumes dos seus *Textos*, muitos deles inéditos, saídos com a chancela da Parceria A. M. Pereira em 2018 e já este ano – e prepara uma biografia do arquiteto, amigo que considera também um verdadeiro escritor e uma grande figura humana. Psicanalista, investigador, com obra científica em diversas áreas, ex presidente do Instituto Nacional de Engenharia e Tecnologia Industrial (INETI), neste texto e na escolha e legendagem das fotos que aqui se publicam dá-nos uma expressiva imagem do percurso do homem e do artista

CARLOS CAMPOS MORAIS

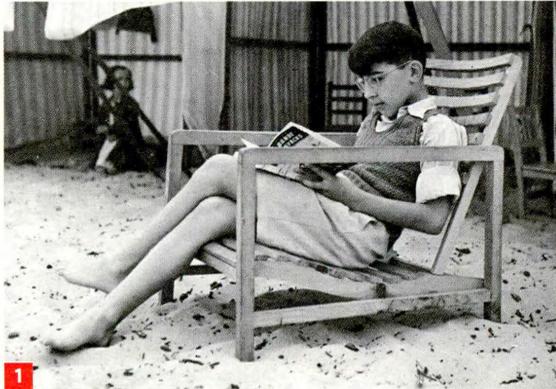
■ Álvaro Siza (AS), nascido em Matosinhos em 26 de junho de 1933. Pai de dois filhos, Álvaro e Joana. Avô de um neto, Henrique, que última Arquitetura (e já o representou na Exposição em Xangai) e de uma neta, Mariana, atriz performativa. Viúvo de Maria Antónia, genial pintora e desenhadora, falecida em 1973, com apenas 32 anos. O vínculo familiar é-lhe intrínseco, sempre presente. Caminha pelo mundo, agora menos. Trabalha ininterruptamente, desenha ao mesmo ritmo, as suas obras surgem em catadupa. Nunca o vi altivo, do narcisismo guarda a justa medida, sabe ouvir, mesmo quando parece não o fazer. Sempre disponível, sempre é sempre. Gosta dos amigos, teve, tem, necessita, dá-se. O humor e o amor são para ele parceiros. A cultura, sobretudo nas áreas em que se move, é de alto nível, aprendi o pouco que sei (sei que é sempre pouco) no convívio com ele. Tem favoritos, que seleciono sabendo que nas diferentes áreas ele próprio protestaria, mas mesmo assim: Picasso na pintura, por que não Matisse? Le Corbusier na arquitetura, por que não Alvar Aalto? Miguel Ângelo na escultura, por que não Giacometti? Desisto: uma fila infundável protesta, Rafael, Brancusi, Giotto, Frank Lloyd Wright, James Stirling, Louis Kahn,...

Siza sonha acordado, na *rêverie* de olhos semicerrados. Desenha, ouve, fala, vai caminhando dentro das suas obras em projeto, imagina, corrige-se, vai circulando, fuma como um desgraçado (não engulo o fumo, diz ele!). É pouco importante saber se queria ir para escultura (se calhar na altura queria). Cedo abriu asas, vai-as abrindo, com um arsenal sempre vasto acompanhando a arquitetura, a escultura, o desenho, o design, a joalheria, a tapeçaria, a azulejaria... Menos conhecida a escrita, exposta nos livros 01, 02 e 03 *Textos*.

Na Arquitetura são transbordantes as suas obras, em Portugal, em Países da Europa, da América (Norte e Sul) e da Ásia.

Se escolhesse um conjunto de obras de AS essenciais, muitas amplamente conhecidas, o Plano de Reconstrução da Zona do Chiado, após o incêndio de 1988, teria lugar cimeiro. (José Carlos de Vasconcelos contou-me uma vez que Nuno Kruz Abecasis, então presidente da Câmara de Lisboa, perguntado numa rádio por que dirigira a AS o convite para o fazer, respondeu que tinha lido no *Jornal de Letras* que ele era um grande, excepcional, arquiteto – e por isso achou que era a pessoa indicada. E foi.)

Acrescentando A Casa de Chá da Boa Nova, a Piscina das Marés, em Matosinhos, o Museu de Serralves, o edifício da FAUP, os



escritórios de arquitetos na Rua do Aleixo, a casa Manuel Magalhães, a casa Miranda Santos, no Porto, a Biblioteca Pública, em Viana do Castelo, a Igreja de Santa Maria, em Marco de Canaveses, a Escola Superior de Educação, em Setúbal, o Museu Nadir Afonso, em Chaves, o Bairro da Malagueira, em Évora, a Capela do Monte, em Barão de São João (Lagos), o Pavilhão de Portugal na Expo'98, em Lisboa, o Centro Galego de Arte Contemporânea, em Santiago de Compostela, Espanha, a Igreja Anastasis de Saint-Jacques de la Lande, em Rennes, França, o edifício de apartamentos sociais *Bonjour Tristesse* em Berlim, e também na Alemanha o Passeio e a Fábrica Vitra, Weil am Rhein; na Holanda, a habitação social Schilderswijk, no Brasil o Museu Iberê Camargo, nos EUA, em Manhattan, Nova Iorque, a Torre' 611 West 56th Street, em Taiwan, Changhua, a Siza House no Taifong Club (com Carlos Castanheira).

É também longa a lista das homenagens que lhe tem sido feitas: doutor *honoris causa* por inúmeras universidades portuguesas e estrangeiras, prémios a partir de 1981, de que apenas destaco, para não falar sequer destes últimos em França e Espanha, o Pritzker (1992), o Leão de Ouro da Bienal de Veneza (em 2002 pelo melhor projeto e em 2012 como prémio de carreira), o Praemium Imperiale da Associação de Arte do Japão, Tokyo.

**A CRIAÇÃO** Álvaro Siza é um prático que constantemente esquisita a sua própria teoria. Que refuta como tal mas que é visível nas linhas e entrelinhas. Por exemplo:

a) a única especialidade de um arquiteto deve ser não ter especialidade alguma, dando relevo e importância à coordenação de especialidades. Para si não faz sentido uma arquitetura só de interiores, ou só de

vivendas, ou só de torres, ou só de urbanismo, ou só de paisagem. Para AS o interior e o exterior, o côncavo e o convexo, o que se vê e o que se adivinha, o que se interioriza e o que se transmite, o que é passado e o que é futuro, o que foi tempo e o que se inova, o natural e o artificial, não são mais do que dualidades a respeitar;

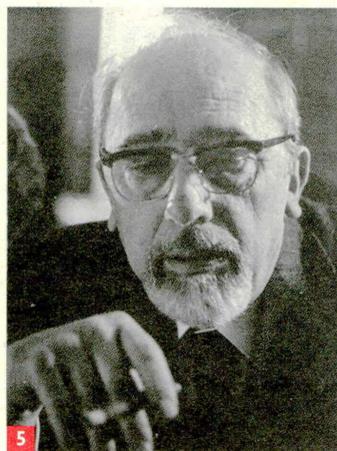
b) A beleza é a própria razão da funcionalidade. O belo é útil.

c) Amar a Arquitetura, o desígnio que nos lança, a todos os que o admiramos, a começar pelo dono da obra, o primeiro arquiteto, como reza a sua teoria, a sua prática.

Em Serralves, em Berlim, em Paris, em Nova Iorque, em Espanha, em Itália, em Portugal, em Xangai, sei lá. O incognoscível, inagarrável, endiabrado Álvaro Siza é um sempre novo, um sempre jovem acabado de nascer. Mais, muito mais, com infundáveis idiomas. ■



4



5

1. Na Praia de Matosinhos, com oito anos, próxima de casa, atento, lê. Duas afecções pulmonares, com mais idade, causaram preocupações felizmente debeladas.

2. Hóquei em Patins. Jogou no Infante de Sagres, em Lordelo do Ouro. Mas teve que deixar de jogar, apesar da perícia que tinha, proibido pelos médicos, por causa da doença de olhos. No entanto, ainda foi jogar às escondidas, num desafio decisivo. No relato da vitória o jornalista, compreensivo, refere-o por NN (não nomeado). Mas o pai não perdoou: "Oh NN, tu não voltas a jogar!"

3. Com Maria Antónia, sua mulher. Desenhadora e pintora de excepcional qualidade, deixou Álvaro, em 1973, numa vivuês sem fim.

4. Com amigos e colegas num restaurante, no Carnaval. Reconhecem-se, da esq<sup>a</sup> para a dt<sup>a</sup>, Fernando Távora, seu mestre reconhecido e sempre venerado, Rolando Torgo e Cipriana, o próprio Álvaro, Bento Lousã e mulher, Maria Antónia, Alcino e Laura Soutinho, José Grade e Tuxa, mulher de Távora. Álvaro Siza, homem de muitos amigos, entre os quais o casal Soutinho, e depois o casal Cavaca, dos que lhe têm prodigalizado maior atenção e apoio

5. O pai, engenheiro e professor no Instituto Industrial, morreu em 1985. Grande conversador, promoveu várias idas de automóvel a Espanha com os filhos, tendo Barcelona marcado Álvaro, nomeadamente com a obra de Gaudi. A mãe, Cacílda, chegou aos 100 anos.

6. A avó (do lado paterno) Júlia, foi uma mulher de armas, que conduziu a família do Brasil para Portugal em tempos difíceis. Na casa onde habita a irmã Tereza (e José Salgado), em Matosinhos, viveram 14 pessoas, tendo sido lá que nasceram todos os irmãos. Álvaro viveu nessa casa até aos 15 anos. A avó Linda, do lado materno, é sua madrinha. Grande doçura, evoca ele amiúde.

7. Júlio Manuel, o irmão mais velho. Morreu em 1954, num desastre inesperado num pavilhão onde fazia desporto com amigos. Era médico recém-formado e a tragédia marcou fortemente a família. O irmão António Carlos, engenheiro têxtil, morreu há um ano. Era o a seguir a Álvaro, em idade. Depois vêm Maria Eduarda, freira sem hábito, e Tereza, a mais nova, reconhecida especialista em Arte Fotográfica.

8. Machu Picchu. Álvaro fez uma viagem ao Machu Picchu (mais de 2000 metros de altitude) com Andreia, filha dos Soutinhos. Ambos têm tensões baixas, no cimo Andreia desmaiou.

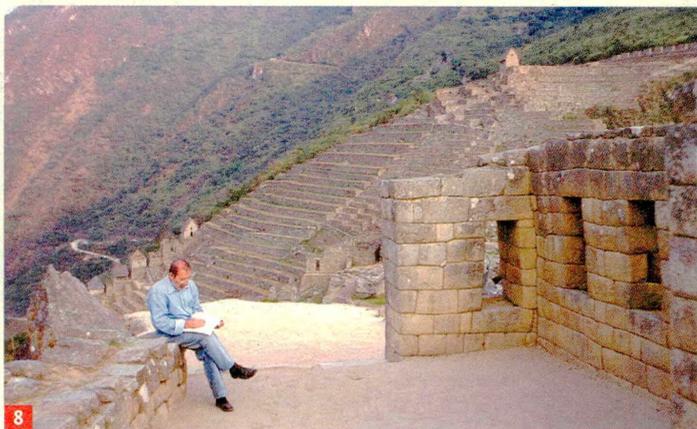
9. Viagem a Paris, janeiro 1967. Ocasões assinaláveis: ida a Versailles, Grande Exposição do Picasso. Um dos viajantes viu 27 filmes em 12 dias. Na foto, entre outros, da esq<sup>a</sup> para a dt<sup>a</sup>, G. Bonito, Luísa Brandão, Álvaro (de óculos), Ana Fernandes e Zé Grade, Nessa vigem também foi Fernando Távora (1923-2005). [foto de CCM]

10. A assinar o catálogo de Siza ou Thoronet - *Le parcours et l'oeuvre* na famosa Abadia (fundada em 1146) na Provença, França. Em junho de 2007 o acontecimento anual aí organizado por Dominique Machabert teve-o como protagonista, e Siza explicou como apenas uma mudança de percurso transformava a funcionalidade e grandeza da Abadia. Numa mesa do evento participaram Eduardo Lourenço e Eduardo Souto de Moura. [foto de CCM]

11. Deitado no chão, no escritório da sua amiga Brigitte Fleck, Siza examina a malha urbana, procurando um "vazio" no centro de Berlim para implantar o Kulturforum (1983), até hoje sem qualquer obra. Brigitte, chefe de concursos no Senado de Berlim, apresentou o *Bonjour Tristesse*, esse construído (1984).



6



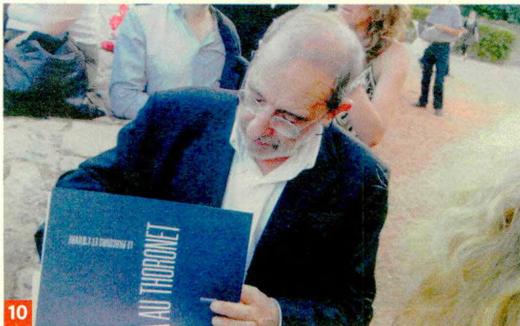
8



7



9



10



11

# As cidades inacabadas

JOSÉ ANTÓNIO BANDEIRINHA

■ Há já mais de três décadas, num pequeno colóquio, Siza apresentou o *Bonjour Tristesse* de Berlim, como novidade. Os comentários estavam a cargo de Nuno Portas e de Pierluigi Nicolini, já na altura diretor da Lotus International. O conhecido edifício de Berlim foi descrito como um processo controlado em absoluto pela arquitetura, desde a encomenda até ao ponto ómega, e obviamente concebido em articulação com a circunstância da cidade, neste caso uma Berlim em plena reabilitação pós-traumática.

Nicolini contrapôs. Segundo ele, o arquiteto entrava no processo quando tudo estava já pré-estabelecido, com campo de manobra reduzido. A economia, a política, nalguns casos os caprichos do poder, definiam o essencial. O arquiteto dava-lhe forma e estrutura, ou vice-versa. Portas, claro, como não podia deixar de ser, argumentava que o arquiteto é um entre muitos agentes, podia entrar e sair a qualquer momento do processo. Competia-lhe fazer o que sabia e melhorar sempre, mas o processo não lhe pertencia.

Isto foi há mais de três décadas. Dez anos antes, uma obra de Siza tinha ficado incompleta, morrera praticamente à nascença. Criada pela circunstância política, fora também asfixiada pela circunstância política. Refiro-me ao projecto para São Vitor, um bairro da zona oriental do Porto cujos interiores de quarteirão eram



O edifício Bonjour Tristesse, em Berlim

quase integralmente preenchidos por bandas de habitação pobre e degradada: as Ilhas. Siza dirigiu uma brigada para intervir nesta área. O trabalho tinha como ponto de partida o entendimento do processo de produção do espaço urbanizado, não para perpetuar o status, mas para perceber qual a melhor maneira de o transformar. Como sempre.

A proposta é ousada, mas determinante abrir os interiores para a rua, dar-lhes o

privilégio, que lhes tinha sido negado à partida, de inserção na esfera pública. Esta era uma atitude cujo alcance político poderia ter sido incomensurável, por duas razões essenciais. Primeiro, porque era a própria proposta arquitetónica, ou seja, era a arquitetura ela mesma que subvertia o sentido de classe do espaço organizado. As iniquidades da organização do espaço só se podem combater no terreno da organização do espaço. Segundo, porque fazia

da cidade o tecido sobre o qual se pretende reforçar ou alisar as pregas que consubstanciam o problema político.

Uma parte muito significativa do processo dizia respeito à análise histórica das cartas topográficas do século XIX. No afloramento das principais intenções de projeto, sente-se a vontade de manter presente a ideia de ruína, mais propriamente a ruína da circunstância de classe que produziu aquele espaço. Não como *trouville* ro-

mântica, que pudesse sublinhar arqueologicamente as curiosidades de outrora, mas antes como matéria que acentuasse ainda mais a emergência da transformação. A alteração da ordem social não deve implicar a alteração brusca da ordem urbana, sobretudo não deve ser confundida com ela. Deve integrar-se na ordem urbana existente, com inteligência e capacidade de adaptação, como sempre aconteceu com a cidade. Portanto, esta ruína viria, de certo modo e por contraste, monumentalizar a nova ordem social.

No meio dos arquivos de São Vitor, ainda no velho escritório da Rua da Alegria, encontrou-se um texto impresso com duas apostilhas manuscritas: uma no início, a prolongar o título *Do rigor na ciência*, "ou a verdadeira história de S. Vitor"; outr, a no fim registada, 'Fragmento' da *História Universal da Infância*, de J. L. Borges Porto - 15/6/78».

A parte impressa, que foi reproduzida, diz respeito, na verdade, a um excerto do livro *O Fazedor*, de Jorge Luis Borges, e faz parte da secção intitulada "Museu". Ai são referidas as ruínas que perduravam do mapa abandonado à intempérie, um mapa que teve a dimensão do próprio Império e que coincidia pontualmente com ele. A nota manuscrita refere então que se trata da "verdadeira história de S. Vitor".

E são precisamente as ruínas inacabadas do projecto/mapa para S. Vitor que nós vamos poder reencontrar mais tarde na realidade da Malagueira, de Haia, de Berlim, do Chiado. São cidades inacabadas de Siza. ■

*José António Bandeirinha é arquiteto, investigador do CES e prof. catedrático de Arquitectura da Un. de Coimbra, de que foi pró-reitor para a Cultura e diretor do Colégio das Artes*

## O silêncio com a construção em redor

MANUEL AIRES MATEUS

■ A obra de Siza obriga-nos a ler a História do presente para o passado, revemos realidades dando-lhes um novo significado, um novo valor. No exemplo da Escola Superior de Educação de Setúbal reencontramos uma ideia de arquétipo, da paisagem encerrada, do silêncio com a construção em redor. A tipologia que conhecemos do Cabo Espichel, voltamos a este outro ainda o mesmo, para o ver a partir do olhar do Siza.

Relemos a paisagem onde a Escola se implanta na forma como a redesenhou, ressignificamos a colina que se eleva para encerrar o terreno a uma árvore ao centro. O desenho de Siza inverte a abertura natural, direccionando o pátio para a elevação do terreno. O território é redesenhado, juntamente com a arquitetura. Subvertendo a topografia, utilizando-a, reconstruindo-a.

Com Siza revemos o que já conhecemos, reorganizando a nossa memória, redesenhando o nosso atlas arquitetónico. ■



Escola Superior de Educação de Setúbal

# Chiado, uma lição exemplar

GONÇALO BYRNE

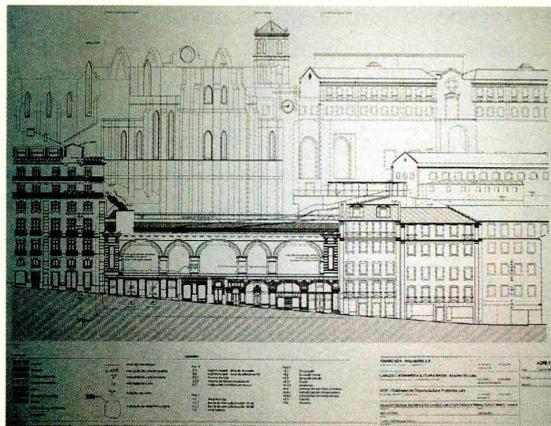
Escolho a recuperação do Chiado. É um projeto onde está patente a inteligência, a sensibilidade, diria mesmo o génio de Álvaro Siza. E onde a particularidade expressiva de toda a sua obra está enquadrada numa reflexão atenta à cidade. Porque, para além do desenho, da obra construída, do lado plástico, sensível, da sua arquitetura, está subjacente uma estratégia urbana, uma forma de responder, de um modo eficaz, ao fenómeno de degradação da Baixa, que acho absolutamente exemplar.

Exemplar, porque tem um conteúdo programático que obrigava a misturar em 30% habitação, escritórios e comércio, nos edifícios recuperados, que é uma maneira de voltar a pôr o centro na cidade, fazendo-a funcionar 24 horas. Por outro lado, foi feito todo um trabalho para aumentar a porosidade urbana, com a recuperação e abertura ao público do interior dos quarteirões e de uma série de pequenos percursos, alguns dos quais tinham sido abusivamente ocupados. A estratégia lançada por Siza foi quase a de uma área piloto,

abrindo um caminho para a reabilitação total da Baixa.

O incêndio, motivo pelo qual se chamaria Siza para trabalhar na recuperação da zona, foi um acelerador da erosão e degenerescência na maior parte do centro histórico de Lisboa, que já se verificava há muito. Estava abandonado, desabitado, quase deserto, tinha deixado praticamente de ter habitação, os escritórios estavam a sair, os cinemas tinham fechado. Siza respondeu com as armas da arquitetura, enquadradas num procedimento estratégico, gerido pelo Gabinete do Chiado, sob a sua tutela. A reabilitação pós-fogo da Baixa-Chiado é a primeira ação concertada, do ponto de vista da arquitetura e da gestão urbana, e acaba por incentivar, de certo modo, a reabilitação de todo o centro histórico. É isso que considero distinto em relação ao horizonte das centenas de projetos e obras do curriculum do Siza até hoje.

Ao nível da imagem do que se reconstruiu, é também muito visível a mão de Siza, embora estivessem também outros arquitetos envolvidos na reconstrução da Baixa. Só que foi utilizado uma espécie de cartolário (para usar uma expressão pombalina) de elementos arquitetónicos de



Projeto para o Plano de Reabilitação do Chiado

referência, aplicável nas intervenções doutros arquitetos e promotores como se verificou. Um aspeto mais formal, mas em que a proposta de Siza é muito inteligente. Porque não se trata de uma qualquer linguagem imposta, mas de uma linguagem assente num estudo e conhecimento muito profundo da “máquina

pombalina”, ou seja na estratégia que os arquitetos do Marquês de Pombal tinham posto em ação para reconstruir Lisboa depois do terramoto. Era então uma estratégia que assentava no desenho exaustivo das novas fachadas, desenhadas para a monumentalização do espaço público e Siza melhora esse mecanismo,

introduzindo uma conotação de contemporaneidade. Propôs o restauro dessas fachadas, muitas das quais estavam alteradas sobretudo nos pisos do rés-do-chão e lojas, com as iniciais vitrines verticais transformadas em horizontais “modernas”. A cidade ganhou assim uma coerência, reavivando a sua memória. Siza faz uma releitura e, mesmo nas fachadas mais conservadoras, consegue introduzir uma percepção contemporânea, sem destruir, antes valorizando o legado pombalino. É muitíssimo bem feita esta intervenção que remete para um presente, muito sereno, e ao mesmo tempo reforça a presença do passado e da monumentalidade da sua arquitetura chã.

A arquitetura de Siza é muito vasta, mas destacaria a sua constante atenção ao sítio, e o facto de o edifício poder contribuir para fazer paisagem urbana. E depois, a capacidade de criação, de gestão e imagética da sua proposta, que é talvez o que o torna mais singular e um caso muito particular na arquitetura mundial e não apenas portuguesa. Entre obra de reabilitação e obra nova, Siza sabe dosear muito bem o jogo e assumir uma total autonomia de produção e o exercício da capacidade plástica, poética, escultórica, mas também vivencial da sua arquitetura. E retomando na sua genialidade a capacidade de surpreender em cada projeto. ■

*“Gonçalo Byrne, arquiteto, distinguido designadamente com três Prémios Valmor, prof. catedrático da Fac. de Arquitetura da Un. de Lisboa*

# A Casa de Moledo, objeto de paixão

ALEXANDRE ALVES COSTA

A Casa de Moledo, como lhe chamamos, conhecida nos livros pela Casa Alves Costa, é um objeto de paixão para todos os membros da família que a herdaram dos seus primeiros proprietários, Maria Helena e Henrique Alves Costa. Para mim que ajudei a passar a tinta o seu projeto, como colaborador de Álvaro Siza e, simultaneamente, como mediador entre arquiteto e donó da obra, aquela casa foi e é central na minha vida. Independentemente da sua qualidade, foi centro de experiências vitais, espécie de cenário habitado da construção de amizades e de amores, mas também de solidão e de tristeza. Mas isso são quase todas as casas, por isso não nos interessa como assunto, num depoimento que, antes de mais, deve referir os aspetos essenciais do seu desenho.

Encomendaria à Agustina essa particular história e ao Manoel de Oliveira que a pusesse em cinema. A casa existe a partir da desistência de um projeto iniciado por um grande

arquiteto moderno, amigo da família, que libertando o terreno da duna onde se implantava assentava o seu volume sobre pilotis, num desenho que se aproximava, como se usava, da arquitetura moderna brasileira. O atual projeto, de 1964, coincidia com um momento da história da nossa arquitetura de crítica ao movimento moderno protagonizada, no norte, por Fernando Távora. No seu atelier trabalhou Siza e foi este a fonte de onde decorreram as primeiras “razões” da sua formação.

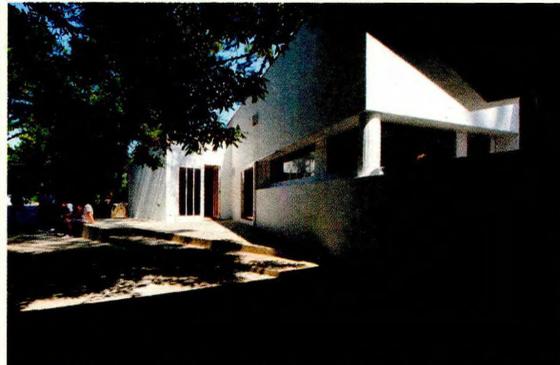
Se de Távora recuperou valores metodológicos e se abriu ao mundo, foi com a aproximação mais empírica e menos ideológica a Aalto que Siza, inicialmente, se identifica no plano cultural, passada a influência direta de Le Corbusier – que, aliás, nunca abandonará, como outras que, em sínteses brilhantes, vai integrando numa unidade cada vez mais constituindo “coisa nova”.

Tudo o que faz parte do debate contemporâneo foi interessando a Siza e questionado na sua obra, com assumidos compromissos e mestiçagens. A função é nele o primeiro

elemento específico da arquitetura. Esta é a sua ética, por isso, não resvala facilmente para o formalismo. A modelação do espaço é o objeto central de desejo e todo o sistema construtivo está preparado para que isso se possa concretizar.

É por aí que se pode encontrar a riqueza e a variedade, sempre inesperada, dos espaços interiores relacionados entre si por percursos labirínticos desenhados como preparação de uma surpresa. A riqueza dos espaços é sempre qualificada por um controlo absoluto da luz. Esta apropriação dos espaços interiores como negativos qualificados dos volumes construídos encontra neles a contrapartida escultórica, objetiva, de relação com o contexto mais alargado do território ou da cidade.

O detalhe vai deixar de ser uma das bases da qualidade expressiva das primeiras obras. Na Casa Alves Costa (1964/68) a madeira envernizada é, inesperadamente, pintada em cor idêntica às das paredes. Siza justificou a decisão de última hora: tem desenho a mais. De facto, o detalhe não será jamais uma ocasião



A Casa de Moledo, ou Casa Alves Costa “Incluída na lista da delegação portuguesa da UNESCO para ser inscrita como património universal”

decorativa e muito menos exibição tecnológica, mas uma dimensão íntima de acessibilidade à arquitetura, uma instância que permite informá-la e verificá-la.

A chamada “Casa de Moledo”, obra-prima absoluta, foi, muito justamente, incluída na lista indi-

cativa da delegação portuguesa da UNESCO para ser inscrita no conjunto do património universal. ■

*“Arquiteto, prof. catedrático da Faculdade de Arquitetura da Un. do Porto, de cuja comissão instaladora foi presidente, prof. também na Un. de Coimbra*

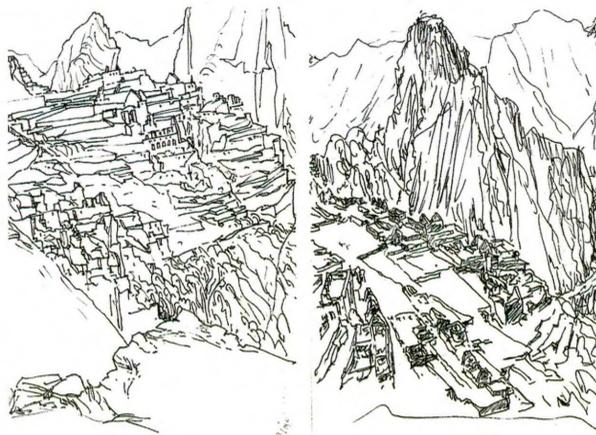
# Desenho e textos inéditos

Além de tudo o resto de que se fala neste Tema, nomeadamente os belos desenhos, importantíssimos na e para a sua obra, Siza tem também excelentes textos, sobretudo, mas não só, sobre arquitetura - textos de inquestionável qualidade e dimensão literárias. Aqui publicamos alguns, inéditos, e, pelo seu significado, "A Casa", já inserido (então inédito) no vol. I dos *Textos*, organizados por C. C. Morais, atrás referidos. E, mais, poemas, também inéditos, de Nuno Júdice e José Carlos de Vasconcelos

## Siza, desenhos

De uma linha exata no branco do papel nascem corpos, aves, jardins, edifícios, formas que acompanham o traço, que procuram o volume, que riscam da perspetiva no risco íntimo de um interior, ou no exterior de avenidas por onde passa o rio da humanidade; e, tal como o verso que rompe o limite da linha, o desenho voa, com o peso da sua leveza, para os espaços que constrói.

NUNO JÚDICE

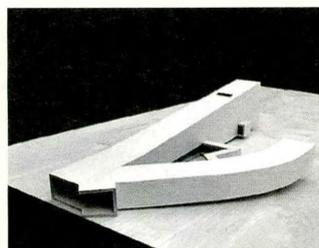


## A capacidade de ver

JOSÉ MANUEL PEDREIRINHO

Arquitetura e desenhos. Dois temas que se completam naquilo que em Siza se mostra de capacidade de ver. Uma capacidade de ver que é essencial para a capacidade de exprimir a cultura dos sítios e da sociedade. Autor de um imenso conjunto de obras construídas, mas muitas também não construídas, é redundante falar da extrema originalidade, ou da imensa sensibilidade de trabalhos onde a preocupação nunca foi o fazer diferente, mas sim o entendimento dos sítios, lugares e cultura de cada obra. Como não é fácil escolher uma obra em detrimento das outras, nem cabe à Ordem dos Arquitectos relativizar qualidades ou emitir juízos de valor desse tipo, a minha escolha é sobretudo a reflexão sobre um caso pouco usual, mas caracterizador dos tempos com que a arquitetura tem de viver.

Este foi um projecto "feito em total liberdade e em total gozo." Resposta a um desafio que lhe foi feito em 1992, no âmbito de Madrid Capital Europeia da Cultura. Ao contrário daquilo que sempre acontece, a ausência de sítio e de programa criaram condições únicas para o



Projeto (não construído) do Museu para dois Picassos

desenvolvimento de um 'espaço', que ele imaginou destinado à instalação de dois Picassos e cuja "escolha foi em parte motivada por não ter gostado da atual instalação da Guernica."

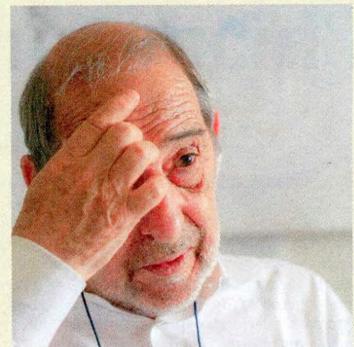
Desde o início pensado para não ser construído, é o próprio Siza que descreve: "O que fiz foi pegar em duas obras de Picasso, a Guernica e a Mulher Grávida, e criar duas galerias independentes para as expor. A certo ponto as galerias podem comunicar, encontrando-se num extremo a Guernica e no outro a escultura, como um contraste entre a vida e a morte".

Como vemos, este foi todo um processo de criação nos antípodas das condições que sempre existem no desenvolvimento de um projeto de arquitetura, do cliente ao programa, das condicionantes regulamentares, dos sítios ou das mais diversas limitações técnicas. Um processo estranho que acabou por ser materializado num outro sítio, na Coreia do Sul, 26 anos depois do inicialmente previsto, em 2018, ainda que, naturalmente, sem os dois Picassos. Mas o mais importante em todo este processo é, seguramente, apreciarmos a extraordinária atualidade de um projeto que, passados todos estes anos e noutra parte do mundo, mantém intacta toda a qualidade plástica e a surpreendente capacidade de nos transmitir toda a poética da arquitetura.

Este é um dos projectos apresentados na exposição de Serralves, e apesar de não ser a primeira vez que tal acontece, é sempre um prazer renovado poder ver Siza num edifício projectado por Siza. ■

*\* José Manuel Pedreira é arquiteto e presidente da Ordem dos Arquitectos. Doutorado em Sevilha, durante anos foi colaborador do JL*

*\*As citações de Álvaro Siza são do catálogo de 'Expor' (2005)*



LUCÍLIA MONTEIRO

## A luz de Siza

1.

entre cigarro e cigarro  
espiral de fumo breve  
nasce da mão uma ideia

no caderno recriada  
com rasgo de risco leve  
que inventa e incendeia

o que era só ideia

e na prancheta acrescenta  
traços toques e retoques  
tal nos versos o poeta

a integração na paisagem  
números contas e cálculos  
coisas próprias do ofício

ofício também viagem  
com suor saber engenho

e no futuro edifício  
não cessará de bater

o coração do desenho

2.

o espaço se multiplica  
o espaço em que o canto habita

a parede lisa a porta alta a janela certa  
branco no branco a curva e a reta

o fantástico sem sombras  
se amplia e projeta

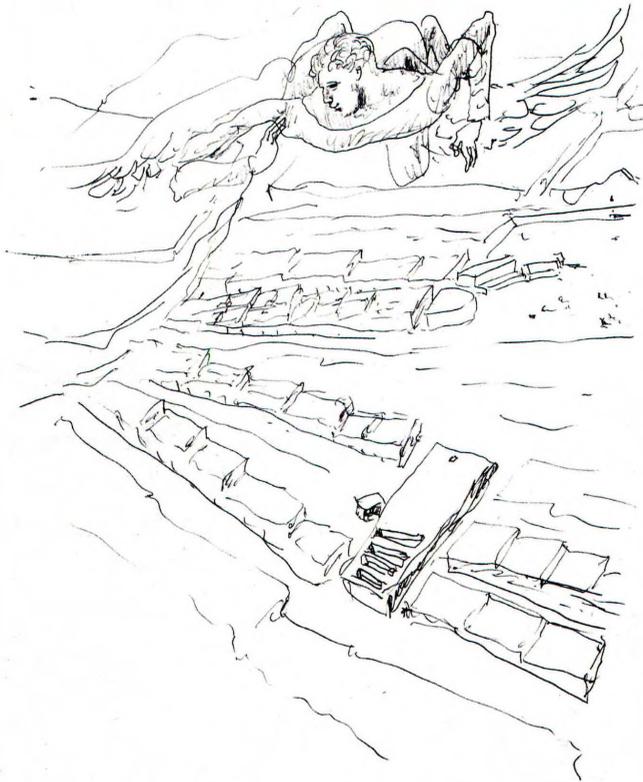
e a forma precisa voa  
de abstrata transformada em concreta

a luz de Siza

3.

e assim vai construindo o aberto  
como quer o João Cabral de Melo Neto

JOSÉ CARLOS DE VASCONCELOS



Esboço da Malagueira vista do ar

Não há seres constantemente perfeitos  
Há seres em constante mutação

\*\*\*

Se o desejassem  
Esses  
Poderiam rondar a perfeição

\*\*\*

A arte do ocidente não seria o que é sem o encontro com a arte indiana, com a arte da China e do Japão, das Américas do norte e do sul, do Islão, da Indonésia, dos Aborígenes da Austrália, dos esquimós – sem a arte e a cultura da Ásia, das Américas e da Oceânia  
Um percurso português antiquíssimo

\*\*\*

Diz Michelangelo ao esculpir a grande estátua de David  
Basta retirar o mármore a mais  
Arquitectura: libertar a cidade do que é a mais e a menos

\*\*\*

Tudo na Arquitectura refere ambiguidade e contradição  
O arquitecto é o ser da ambiguidade  
Nunca foi consensual ser artista ou ser técnico  
Existe como resultado e como agente de diálogo, como reconversor da contradição

\*\*\*

Arquitectura:  
Não tornar complicado o que é simplesmente complexo

\*\*\*

O óbvio oculta a verdade  
Só a dúvida procura

\*\*\*

Goethe não sabia  
Se poeta ou pintor devia ser  
Não é o mesmo?

# A Casa

■ A casa é o abrigo.

A coisa principal da casa é o telhado e depois a chaminé. Dentro somos independentes ou quase. Estamos protegidos da cidade e do mundo inteiro. Os que podem usam tranquilamente a internet.

A casa tem janelas: é preciso respirar, mesmo quando o ar está poluído.

É bom ir à janela. Vê-se a rua, a vizinha sai e fecha a porta, há gente a passar e motos e animais e automóveis, comboios, autocarros e aviões, do ar chega o ruído dum avião, passa uma gaivota. Não estamos sozinhos, felizmente não estamos sozinhos, bate à porta o carteiro, chega o jornal.

O sol entra pela janela e pinta a parede em frente, a chuva martela os vidros, zumba o vento. Sabemos que a rua vai por aí fora, ramifica-se e sai da cidade, liga a Norte a Sul a Leste a Oeste e a todos os espaços intermédios, tece uma manta sem princípio nem fim porque se torce sobre si própria, mesmo ao cruzar o mar (com grande dispêndio e dificuldade).

A Aventura apetece.

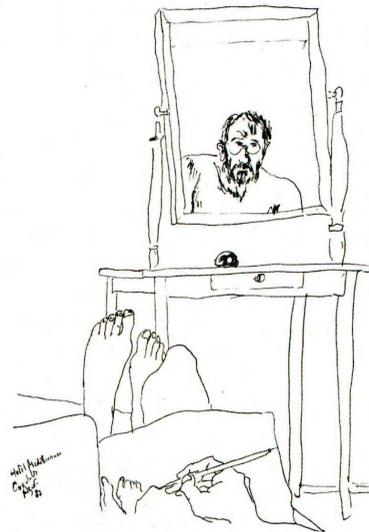
A coisa principal da casa é a porta, mais do que a janela porque não tem peitoril: só um degrau de poucos centímetros para o mundo ou para fugir ao mundo (sempre se pode fechar a porta ou não a abrir ou escancarar as folhas da porta). O esgoto da minha casa percorre o mundo inteiro e transforma-se juntamente com o dos outros.

A casa é eu e cada um. Contudo no espaço e no tempo as casas são praticamente iguais, na horizontal como na vertical. Quando têm demasiadas escadas inventam o ascensor, mas mantêm-se iguais ou quase, porque nós os que as ocupamos somos quase iguais. A casa é parte de uma quadricula imensa, rota aqui e ali, emendada por muralhas por rios por fronteiras imaginárias, por longas protuberâncias, por pontes e por túneis e por nós imateriais. A casa é eu e nós, conforme se queira. Distinguímos uma de outra, com dificuldade, por números e por pormenores



Veneza

irrelevantes, por estarem em ruínas e escuras ou limpas e polidas como um vidro.  
Sou dono da casa, sou dono do mundo, ou inquilino dos dois, o que é rigorosamente o mesmo e nada. A menos que não consiga ter casa e então uso uma gruta, ou uma tenda, ou uma estação de metropolitano ou o pórtico do Palácio da Justiça (casas menos confortáveis e sobretudo inaceitáveis: as possíveis).  
Temos por hábito roubar as casas uns aos outros, ou simplesmente roubá-las. Construimos, vendemos, derrubamos, compramos. Às vezes as casas são bombardeadas e às vezes



Autorretrato

há gente lá dentro e há terremotos e outros acidentes naturais. Pobre vida das casas.  
A casa é de carvão e a porta é de prata. Há sempre um vulto em contraluz. Perigosas são as portas das palafitas.  
LC arregaça as calças, apoiado na tibia e no perónio constrói os cabelos do Toit Terrasse os pilotis e os miosótis.  
Casas dispersas como ovelhas perdidas e casas aconchegadas umas às outras. Correm em bicos de pés espreguindo e voando sobre os vizinhos. Casas subterrâneas miseráveis, nas colinas, pintadas de azul e de lilás.

«A par de tema de crónicas, muitas notícias e inúmeras referências, a obra de Álvaro Siza Vieira tem sido uma constante na história do JL, desde a sua fundação, em 1981, até à atualidade. Aliás, logo no primeiro ano, no n.º 4, de 14 de abril, apresenta-se como o grande destaque da edição. Aí era entrevistado por Manuel António Pina, jornalista e poeta, futuro Prémio Camões. "Para fazer um projeto não chega recolher informação, ver regulamentos, sentar-se a desenhar. É preciso reagir ao quotidiano, assimilá-lo. E a gente vai reagindo: não pode ter um calendário para isso, é preciso, continuamente, refletir. Em geral, a ideia geradora de um projeto nunca se me desenvolveu no atelier: é no café, ou em casa, ou no caminho de um sítio para o outro, onde não esteja a "trabalhar" ... Frequentemente no café, no meio do barulho... Ou num fim-de-semana: vou descansar e, então, tudo me surge com naturalidade. Por aqui se vê: a vida familiar, um desastre. Acabo por fazer arquitetura em qualquer parte", afirmava o arquiteto. No mesmo número, seguia-se um diálogo cruzado entre Siza Vieira e Nuno Porta, seu amigo e também arquiteto, nome fundamental do urbanismo no pós-25 de Abril. Esse diálogo seria reeditado, em 2012, no n.º 1093, de 22 de agosto, nas vésperas da entrega do Leão de Ouro da Bienal de Arquitetura de Veneza a Siza.

No n.º 51, Siza escrevia sobre Alvar Aalto, a propósito de uma exposição na Gulbenkian. Nova entrevista, no número 107, de 24 de julho de 1984, e outra no 321, de 30 de agosto de 1988, esta sobre a sua opinião sobre o que se devia fazer na sequência dos incêndios do Chiado, em Lisboa. "Reconstituição integral", dizia Siza, o que veio, em grande parte, a acontecer, com assinatura sua. Um mês depois, no 323, de 13 de setembro de 1988, mais uma entrevista, esta longa, de José Carlos de Vasconcelos, sobre o seu percurso de vida.

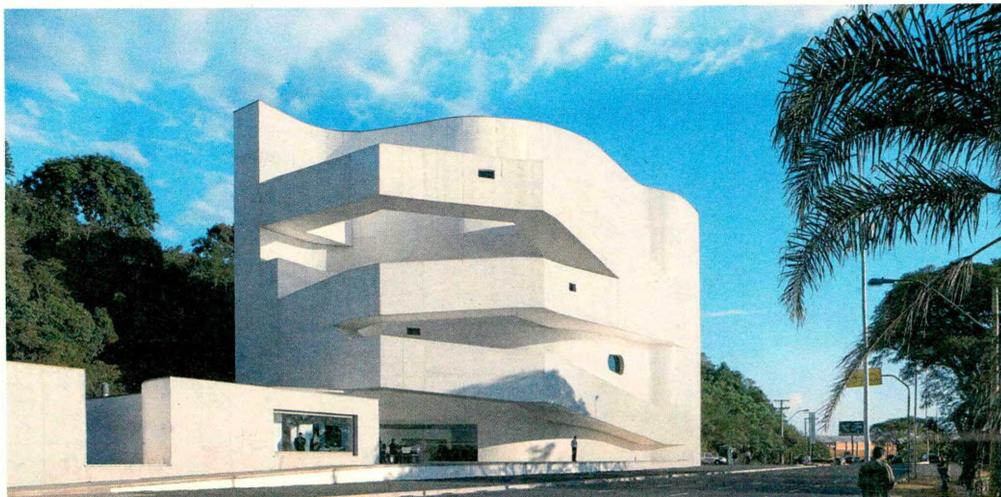
Em 1993, no n.º 590, de 26 de Outubro, escrevia sobre o mestre da "Escola do Porto", Fernando Távora. Novas entrevistas de vida, por Rodrigues da Silva, no n.º 675, de 28 de Agosto de 1996, e por Maria Leonor Nunes, a 24 de Fevereiro de 1997 (JL 741), inserida num tema sobre Arquitetura Portuguesa Contemporânea, aquela que Siza representa um pouco por todo o mundo. JL.



## AUTOBIOGRAFIA IMAGINÁRIA

VALTER HUGO MÃE

# O Mestre



A Fundação Iberê Camargo, em Porto Alegre (Brasil)

**A** obra de Álvaro Siza Vieira para a Fundação Iberê Camargo assenta ao pé do lago com uma força bruta, uma brancura gelada que contrasta com o Brasil e com a paleta do pintor, patrono daquela casa. É um cubo excêntrico que se fecha como cofre, respirando por seus braços robustos, quase cegos. Uma caixa quase cega, mas neste quase reside uma das suas mais surpreendentes características. As pequenas janelas não mostram simplesmente, elas fotografam. São janelas de fotógrafo, cortando no lugar certo para a imagem certa e que assiste à arte de ver. É claro que Siza já havia jogado com esta questão. Mantendo a referência aos espaços de arte, os janelões de Serralves despem o espectador do edifício. Quem está dentro assiste ao exterior como se o exterior entrasse ou o edifício se eclipsasse. Com a obra de Porto Alegre é um pouco o contrário. O exterior vê-se recortado, quase ficcionado, pelo edifício. O espectador veste o edifício e não pode abdicar dele, está subjugado, manipulado, não existe mais nada que independa do edifício uma vez transcorrida a porta de entrada. Estes modos de pensar acerca do ato de ver são, para mim, a grande proeza de génio de Siza. Em Porto Alegre é muito claro. E pouquíssimas poderão ser as exposições que ali se façam que consigam maior espanto quanto consegua o próprio espaço expositor.

Álvaro Siza fez o seu trabalho mas creio que superou a questão linear de corresponder a uma encomenda. Creio que ele presenteou o Brasil com o melhor que é imaginável, que é dizer que ali ficou plantada uma casa que, mesmo vazia, se tem como um tesouro de beleza, engenho e espiritualidade. Se fosse possível, diria que um dia tomariam aquela casa para dentro de outra, onde a poderiam proteger da chuva e do sol, para que nunca mais acabe.

Vejo Siza como alguém que edita a luz. É um sábio de acender e apagar, flagrar o

clarão ou permitir a contenção como se a casa fosse essa página que espera ou que resplandece em demasia. As suas obras brancas convidam a uma narrativa por descobrir, convidam ao gesto original, porque ele faz a casa como quem simplesmente move a luz. Ficamos todos livres para o gesto, quero dizer, aquele torna-se o lugar puro da ideia, como se fosse passível de favorecer a ideia.

Talvez por acontecer como um movimento da luz, seu domínio, autorização e proibição, o que sentimos nas obras do mestre é sempre do foro espiritual. Há uma invariável relação com a desmaterialização e consequente obrigação à interioridade e sugestão de transcendência. O corpo é rejeitado pelas casas de Siza. O corpo é recipiente do espírito em visita que, se dotado de grandeza, dilui na luz. Por isso são perfeitas as obras para a arte que constrói. No edifício que vira sobretudo claridade, as obras de arte pontuam como se pairando na própria luz. São os únicos corpos que importam. Elevam-se no convívio dos espíritos pela pureza admitida, induzida, da casa. Já sabíamos bem que observamos a arte como em prece, entendemos que Siza não cria senão certos templos. Não precisam de ser mais sagrados do que simplesmente prestarem um serviço ao deslumbre. O transcendente começa no que supera o comezinho, naquilo que faz da existência uma experiência de inesperado, instigador, sobressalto.

«  
Estes modos de pensar acerca do ato de ver são, para mim, a grande proeza de génio de Siza. Em Porto Alegre é muito claro: ele presenteou o Brasil com o melhor que é imaginável

Na casa de uma amiga há um desenho pequeno de Siza. Uma pessoa rápida, abreviada, que parece estar sentada, talvez pensando. Parece-me alguém pensando. No pequeno papel, até um pouco displicente, demora a impressão de que nos compete, como observadores, esperar. A brancura poderá ser intensa, imensa, mas não impedirá que aquela linha discuta o seu movimento, o jeito como discuta acerca de uma ideia, acerca do que haveremos de, devagar, pressentir. Penso nisso quando pondero as grandes casas de Álvaro Siza Vieira. Presentimento-las. Sobre tudo presentimento-las. Magníficas como são. JL.